

BOLETIM



Florestas de Valor

Realização:



Apoio:



Patrocínio:



Número 1 | Agosto 2014

FLORESTAS DE VALOR INCENTIVA NOVA ECONOMIA NA FLORESTA

Uma iniciativa capaz de ajudar a conservar a Amazônia ao fortalecer as cadeias de produtos florestais não madeireiros e disseminar a agroecologia. É assim o projeto Florestas de Valor, desenvolvido pelo IMAFLORA – Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola® e seus parceiros em três regiões do Pará.

Na Calha Norte do rio Amazonas (Alenquer e Oriximiná), Terra do Meio (Altamira) e no município de São Félix do Xingu, o projeto apoia atividades ligadas ao extrativismo e à produção agrícola, por meio sistemas agroecológicos.

Com essas abordagens, o projeto incentiva a implantação de sistemas produtivos responsáveis e conecta comunitários e empresas na lógica do mercado ético.



Assim, o Florestas de Valor constrói alternativas econômicas ao desmatamento junto as populações tradicionais (extrativistas, quilombolas, ribeirinhos) e pequenos produtores rurais, estimulando processos produtivos que ajudam a conservar e recuperar áreas degradadas. “Desenvolver e conservar é a melhor forma de estimular a sustentabilidade na Amazônia”, afirma o biólogo Léo Eduardo de Campos Ferreira, um dos gestores do projeto.

São cerca de cinco mil pessoas beneficiadas no campo pelo projeto Florestas de Valor. Sem contar que o projeto também desenvolve ações de conscientização sobre o consumo de produtos da floresta e conservação ambiental em grandes centros consumidores, como o estado de São Paulo, por exemplo.

Na floresta, os modelos desenvolvidos pelos técnicos do IMAFLORA geram resultados animadores. (Leia Histórias de Valor, na página 3). “A consolidação dos modelos sustentáveis cria novas referências para políticas públicas e para a sociedade, permitindo traçar novos rumos para o desenvolvimento da Amazônia”, avalia o agrônomo Roberto Palmieri, Gerente de Projetos do IMAFLORA.

Para saber mais sobre o projeto Florestas de Valor, visite: www.imaflora.org/florestasdevalor



EM CADA REGIÃO, UMA ESTRATÉGIA

O projeto Florestas de Valor incide sobre territórios com grande diversidade social e ambiental e que sofrem diferentes tipos de pressão e ameaças. Calha Norte e Terra do Meio são as áreas com os maiores contínuos de floresta tropical do estado do Pará, enquanto que São Félix do Xingu é uma região onde atividades econômicas reduziram significativamente as florestas nas últimas décadas. Para cada região, os especialistas do IMAFLORA desenvolvem uma estratégia diferenciada, sempre construída com os atores locais.

Nas áreas já desmatadas, o projeto estimula a agroecologia, a restauração florestal e a melhoria na produção agrícola. Nas áreas de floresta em regiões de

pressão ou ameaça, as atividades do projeto apoiam a geração de renda a partir da valorização dos produtos florestais não madeireiros, incentivando o uso responsável e a conservação da floresta. Os técnicos do IMAFLORA atuam no interior e no entorno das Áreas Protegidas que existem nesses territórios, sempre pensando em amortecer os impactos e reduzir as ameaças à floresta.

O IMAFLORA iniciou sua atuação nesses territórios em 2004. Em 2009 passou a contar com o apoio do Fundo Vale e, desde 2013, o Projeto Florestas de Valor tem o patrocínio da Petrobras como parte do Programa Petrobras Socioambiental, um dos instrumentos da política de responsabilidade social da companhia. ■

HISTÓRIAS DE VALOR

QUILOMBOLAS DA CALHA NORTE VENDEM ÓLEO DE COPAÍBA PARA EUROPA

Na região do município de Oriximiná, na Calha Norte do rio Amazonas (Pará), as comunidades quilombolas que tradicionalmente extraem o óleo de copaíba estão vencendo barreiras e conquistam a autossuficiência para o manejo e comercialização do produto em larga escala. Com o apoio do projeto Florestas de Valor, os quilombolas entraram no mercado profissional e agora negociam diretamente com os clientes, sem intermediários.

Segundo um dos gestores do projeto, o biólogo Léo Ferreira, do IMAFLORA, os quilombolas têm formas tradicionais de extrair a copaíba e conhecem o território na palma da mão. Precisavam apenas de orientações sobre como garantir uma produção de qualidade e se posicionar no mercado.

Ferreira conta que foram várias reuniões, cursos e discussões nas comunidades para estabelecer um plano estratégico de negócios. “Em 2012, já discutíamos com eles os princípios de uma comercialização ética. Queríamos saber o que seria para eles uma relação comercial justa”, lembra o especialista. Quando o trabalho estava estruturado e a comunidade pronta para se lançar, foi a hora de bater à porta das indústrias.

Abertura – A empresa suíça Firmenich, uma das maiores do mundo no mercado de fragrâncias e sabores para as indústrias cosmética e de alimentos foi uma que aceitou o desafio de discutir com os quilombolas um acordo de compra e venda de copaíba.

O representante da empresa ouviu dos comunitários o que eles achavam justo para entregar o óleo. A empresa explicava o que era importante para ela: qualidade, regularidade na entrega e a certeza de estar contribuindo para conservar a floresta.

“Como eles cumpriram rigorosamente os critérios técnicos, isso nos deu tranquilidade para mover a cadeia

produtiva. Sabemos que o óleo que adquirimos está melhorando a vida da comunidade, mantendo de pé a floresta e garantindo nosso negócio. E o nosso cliente é informado sobre isso por meio de nossos relatórios e outras comunicações”, destaca André Tabanez, gerente de Projetos da Firmenich.

Após pouco mais de um ano da primeira entrega, somente as comunidades ligadas ao projeto Florestas de Valor conseguiram entregar 3,3 mil litros de óleo de copaíba para a empresa. Tudo comercializado por meio de um sistema coletivo, desenhado com a ajuda dos técnicos. Um sistema de amostragem registra a procedência de cada porção de óleo, de modo a garantir a qualidade e corrigir possíveis contaminações.

Tabanez lembra que, ao trabalhar dentro dos critérios e exigências técnicas de uma empresa multinacional, a comunidade está sendo preparada para o mercado. “Hoje eles estão aptos a negociar com qualquer grande empresa do mundo, pois sabem como fechar o negócio, coletar, armazenar e entregar o produto com todas as exigências dos grandes clientes. Isso faz parte do legado intangível que deixamos para eles”, afirma o representante da empresa. ■



TERRA DO MEIO: EMPRESAS E COMUNIDADES FIRMAM PACTO PELA SUSTENTABILIDADE

Em 2009, quando chegaram à Terra do Meio (PA) para se juntar a outros parceiros locais, os técnicos do IMAFLORA encontraram uma situação típica de um modelo econômico que durou décadas na região. Era o caso dos atravessadores, que se faziam de ponte entre os extrativistas e a indústria, pagando aos extrativistas preços mínimos pelos produtos. Isso quando não levavam castanha, óleos e borracha em troca de alimentos ou diesel. Ameaçadas por grileiros, as comunidades também não tinham direito sobre seus territórios, formados por grandes extensões de floresta nativa.

Foi preciso a ação de diversas organizações civis e do governo para que Terra do Meio se tornasse um mosaico de áreas protegidas, com predomínio das Reservas Extrativistas. A legalidade passou a garantir o direito de uso da floresta. E graças aos extrativistas, a integridade da floresta segue de pé.

“Essas comunidades têm uma relação profunda com a floresta. Por sucessivas gerações, os extrativistas aprenderam a retirar da mata os produtos necessários ao sustento e à manutenção da sua cultura. Ao mesmo tempo, eles ajudam a conservar, identificando e denunciando atividades ilegais, como retirada de madeira e garimpo”, afirma Patrícia Cota Gomes, engenheira florestal do IMAFLORA, uma das responsáveis pelo projeto Florestas Valor.

Ela conta que com o apoio do projeto foi possível reverter a lógica dos negócios na Terra do Meio. Primeiro, eles fizeram um diagnóstico da produção nas Reservas Extrativistas do Rio Iriri, do Rio Xingu e do Riozinho do Anfrísio e identificaram na borracha um potencial de mercado para as comunidades. Acontece que os atravessadores pagavam menos de dois reais por quilo.

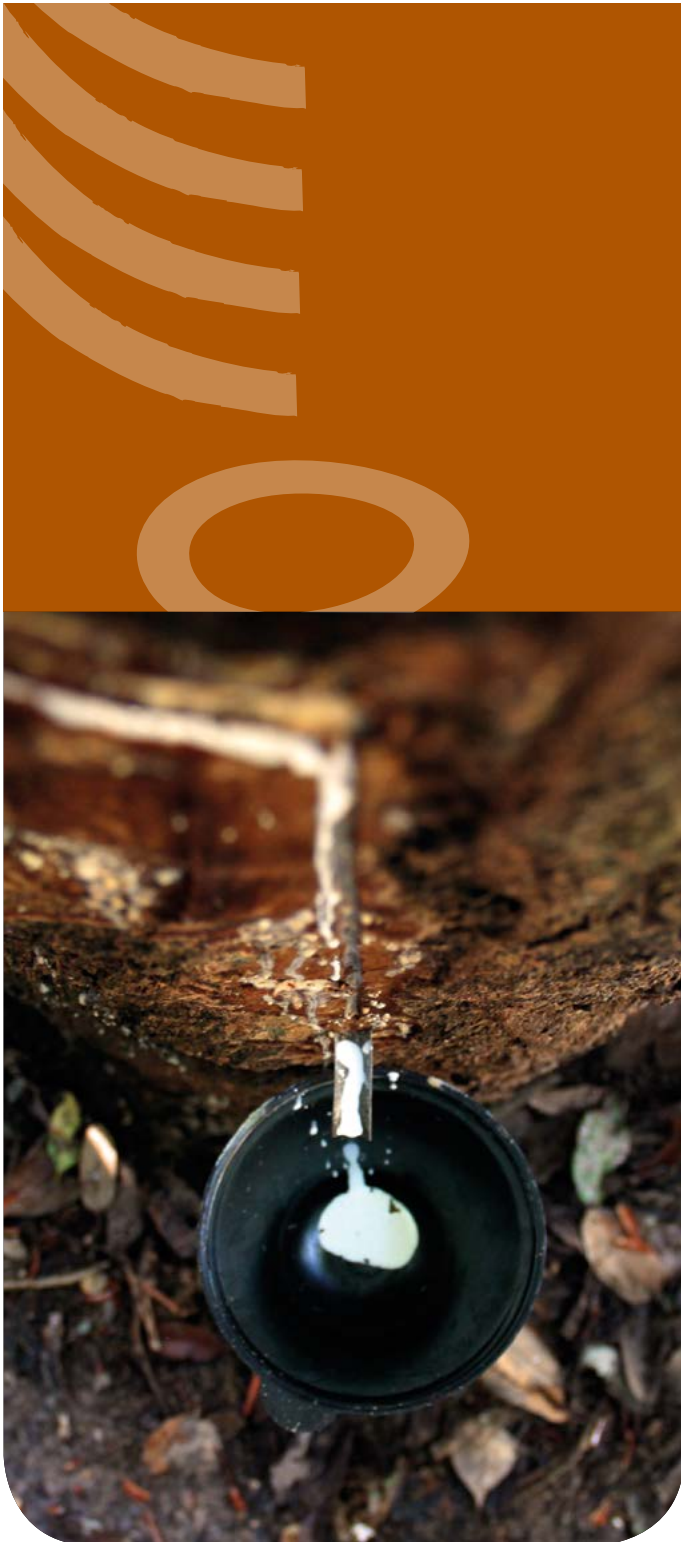
“Era a regra do mercado. Quem não concordava, ficava de fora”, recorda a especialista do IMAFLORA. O jeito



de furar o esquema foi falar diretamente com indústrias que compravam borracha para tentar ligar as duas pontas, sem os intermediários.

“As grandes empresas queriam garantias de volume, de qualidade, de entrega, de capacidade de produção, controle e toda a série de exigências típicas de quem opera profissionalmente no mercado”, avalia Patrícia Gomes. Mas as comunidades estavam desarticuladas e não conseguiam falar de igual para igual com os empresários. Foi aí que entrou o apoio técnico do projeto para buscar parceiros comerciais interessados em estabelecer relações diferenciadas.

HISTÓRIAS DE VALOR



“Atraímos algumas empresas e logo começou a tomar forma o Protocolo Comunitário, um documento que estabelece as bases para que as relações comerciais e a utilização da biodiversidade nestas áreas possam ser construídas respeitando os princípios de um comércio ético, e os valores e o modo de vida das populações da floresta”, explica Patrícia Gomes. Nessa forma de contrato, os dois lados se manifestam publicamente na comunidade, mostram suas expectativas, assumem posições, compartilham soluções e discutem o que pode ser bom para ambas as partes. Até chegar a um consenso. “Isso é novo no Brasil”, constata a especialista.

Opção amazônica – Sensível a esse apelo, a Mercur, líder na indústria de artefatos de borracha, decidiu aderir ao protocolo proposto, e aí começou a virada do jogo em favor dos comunitários. A empresa mandou representantes para a região e encontrou uma comunidade preparada para o diálogo.

O compromisso de entregar um produto de qualidade tinha como contrapartida da empresa uma relação de longo prazo, permitindo que os extrativistas pudessem também cuidar de suas roças, garantindo a segurança alimentar. Na ponta do lápis, o valor do quilo pago pelo látex dobrou.

Durante uma reunião de avaliação do projeto realizada no mês de maio deste ano, o diretor da Mercur, Jorge Hoelzel Neto, reafirmou o compromisso da empresa em continuar a adquirir a produção de borracha natural das comunidades. O anúncio animou os extrativistas. A empresa é hoje a que melhor paga pelo produto na região. A remuneração tem tido um efeito múltiplo na região. Ela estimula a retomada da cultura seringueira, incentiva as famílias a ficarem no campo cuidando da floresta e ainda faz surgir uma economia de base florestal que não derruba uma árvore sequer. ■

CACAU FINO MOVE A ECONOMIA DA FLORESTA EM SÃO FÉLIX DO XINGU

A produção de cacau está ajudando a mudar a face de São Félix do Xingu, no sul do Pará. Apesar de ter na pecuária sua base econômica, o cacau é alternativa que coloca o futuro da região nas mãos de pequenos agricultores. A ponto de a lavoura cacauzeira começar a deslocar o eixo do desenvolvimento regional.

Na região desde 2010, os técnicos do IMAFLORA colaboram para essa mudança. São 32 famílias de pequenos agricultores amparadas por iniciativas como o projeto Florestas de Valor. O trabalho na região se dá em parceria com a CAMPPAX – Cooperativa Alternativa Mista de Pequenos Produtores do Alto Xingu e a ADAFAX – Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Familiar do Alto Xingu.

Com sistemas agroflorestais, o cacau é plantado à sombra de outras espécies que ajudam a recuperar áreas degradadas. O cacau recompõe a paisagem nativa, favorece a regeneração da floresta e a recuperação de fontes de água limpa, ao mesmo tempo em que gera significativa renda ao agricultor familiar.

Estabelecer e fortalecer os elos dessas cadeias são parte do trabalho do IMAFLORA na região. Com a cultura cacauzeira que floresce em São Félix, as grandes indústrias começam a se aproximar. E elas querem grande quantidade de matéria prima de qualidade levando em consideração também aspectos ambientais e sociais envolvidos na produção.

No ano passado, o cacau dos agricultores atendidos pelos projetos do IMAFLORA passou pelo crivo de testes profissionais feitos pela Indústria Brasileira de Cacau – IBC e Cacau Show. Aprovado como um cacau de Tipo 1 – destinado à fabricação de chocolates finos –, o produto ganhou ainda mais destaque na vitrine nacional e internacional. Há bons negócios no horizonte. A cooperativa comercializa por safra em média 1500 toneladas de cacau e este ano já se comprometeu em entregar 150 toneladas de cacau tipo I para a IBC. O negócio renderá até o final da safra cerca de R\$ 1 milhão para os agricultores. ■



O QUE VEM POR AÍ

AGROECOLOGIA SERÁ INTENSIFICADA NA ÁREA DE ATUAÇÃO DO PROJETO

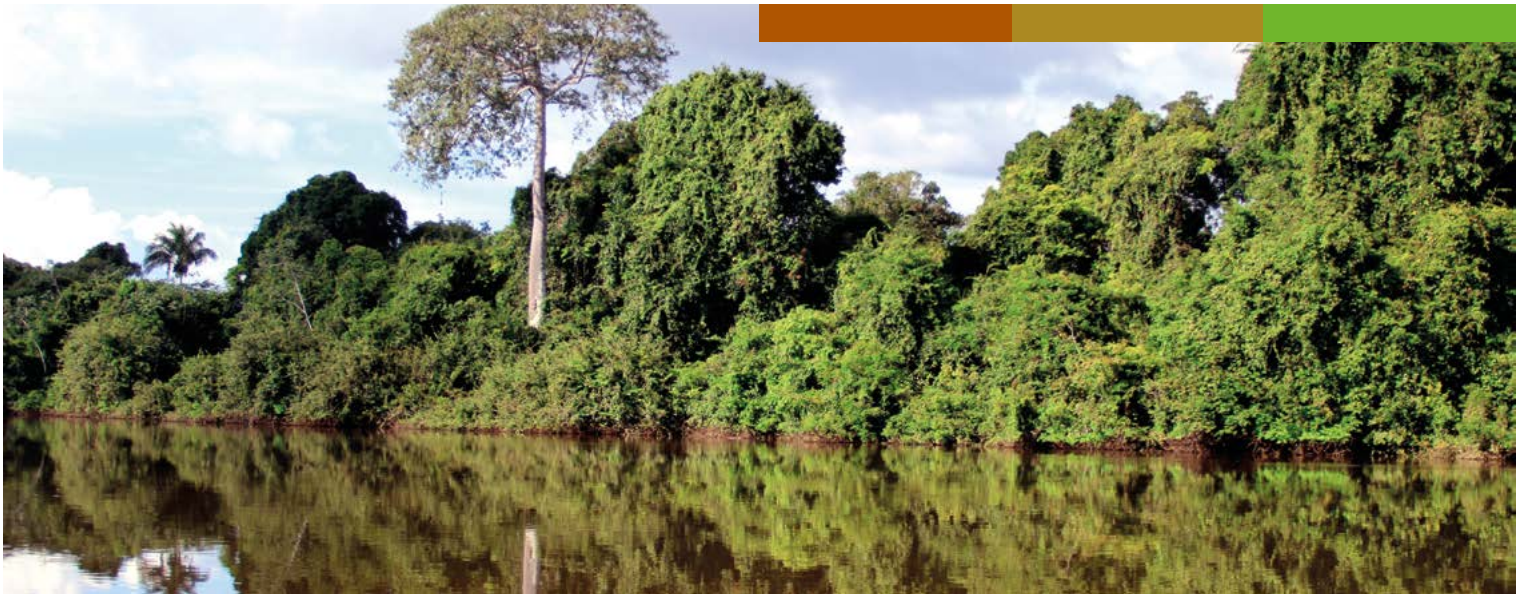
A agroecologia é um pilar importante na atuação do projeto Florestas de Valor. A partir de julho deste ano, os técnicos do projeto passaram a intensificar as ações agroecológicas nas regiões de abrangência do projeto. Em São Félix do Xingu, a diversificação agrícola e florestal é o que deverá prevalecer no cultivo do cacau.

Os agricultores envolvidos no projeto e as instituições que trabalham com o cacau na região estão intensificando esforços para aumentar a diversidade com sistemas agroflorestais incluindo espécies como cumaru, andiroba, açaí, cupuaçu, taperebá e essências florestais

e agrícolas. O resultado será uma transformação significativa da paisagem convertendo pastagens degradadas em florestas produtivas.

Na Calha Norte, o trabalho de agroecologia está concentrado no município de Alenquer, no Projeto de Desenvolvimento Sustentável-PDS/Paraiso, com agricultores familiares que irão, com apoio dos técnicos do IMAFLORA e do STTR de Alenquer, desenvolver sistemas produtivos agroecológicos seguindo a vocação de cada agricultor. As técnicas incluem Roça sem Fogo, Sistemas Agroflorestais e Permacultura. ■





UM OLHAR SOBRE OS TERRITÓRIOS DO FLORESTAS DE VALOR

A região da Calha Norte é o maior contínuo de floresta amazônica do estado do Pará e possui um bloco de áreas protegidas, constituído por UCs estaduais e federais, Terras Indígenas, Territórios Quilombolas e assentamentos. Esse bloco se conecta com outras áreas protegidas do Amapá e Amazonas, formando a maior extensão de floresta tropical protegida do mundo, com mais de 20 milhões de hectares de floresta amazônica sob regime especial de proteção. As áreas protegidas da Calha Norte sofrem pressões vindas da porção Sul, relacionadas a ocupações, desmatamento, estabelecimento de pastagens, entre outras.

A região da Terra do Meio é considerada pelo Ministério do Meio Ambiente como de alta prioridade para conservação da biodiversidade. Terra do Meio possui um extenso bloco de áreas protegidas com diversas UCs federais e estaduais, Terras Indígenas e assentamentos, totalizando estas 8 milhões de hectares. Contudo, apesar do grande número de UCs criadas, muitas dessas áreas ainda não se encontram consolidadas e sofrem diversos tipos de pressão. Os prin-

cipais vetores são a pecuária, a grilagem de terra, a exploração ilegal de madeira e os grandes empreendimentos.

São Félix do Xingu apresenta um dos maiores índices de desmatamento da Amazônia Legal, grandes áreas de pastagens e muita áreas degradadas. Para ajudar a reverter esse quadro, o IMAFLORA alia a recuperação das áreas degradadas pelo pasto à geração de renda, utilizando o plantio do cacau à sombra da floresta como alternativa econômica. Em parceria com a Associação para o Desenvolvimento da Agricultura Familiar do Alto Xingu (ADAFAX) e com a Cooperativa Alternativa Mista de Pequenos Produtores do Alto Xingu (CAMPPAX) diagnosticamos o potencial da região para produção do cacau de qualidade, com benefícios socioambientais. Já conseguimos chegar a uma matéria prima de alta qualidade e acessar mercados que prezam práticas responsáveis em sua cadeia produtiva. Com isso, o cacau já ultrapassa a lucratividade em relação à pecuária. ■

Realização:



+55 19 3429 0800
imaflora@imaflora.org
www.imaflora.org

Apoio:



Patrocínio:

